

Os ataques sem fim ao Paranoá

Assoreamento e invasões irregulares são uma ameaça ao Lago, praticados muitas vezes pelos próprios moradores

DAVI ZOCOLI/04.04.2003

ALINE FONSECA

Assoreamento, construção de marinas irregulares, invasão do espelho d'água com aterramentos criminosos. Essa é a realidade, hoje, do Lago Paranoá, que, aos 44 anos pode perder sua beleza caso providências não sejam tomadas pelo poder pública e a sociedade.

Só na última semana, o **Jornal de Brasília** flagrou dois ataques ao Paranoá. No Setor de Mansões do Lago Norte, o dono do Lote 14 da ML 11 aterrou 50 metros quadrados para a construção de uma marina. Uma outra obra semelhante foi localizada no Condomínio Privê do Lago Norte. Com a publicação da reportagem, as duas construções foram embargadas.

A Secretaria de Meio Ambiente vetou a continuidade das duas obras depois de constatar que não havia sido concedida licença para as construções.

Esses exemplos não são

casos isolados. Frequentemente o Lago é alvo de desrespeito às leis ambientais, provocando a degradação lenta e gradual de um dos mais belos cenários de Brasília. Para os ambientalistas, uma das provas de agressão é a presença habitual de aguapés (plantas que surgem em decorrência da poluição da água).

Segundo os ambientalistas, o excesso dessas plantas, que se expandem por causa do assoreamento, não permite a oxigenação da água, impede a circulação de nutrientes, além de provocar mau cheiro.

Se o Paranoá for observado sob o ponto de vista urbano também é foco de ataques. O assoreamento (causado pelos aterramentos, desmatamentos, loteamentos irregulares) já lhe tirou 2,3 quilômetros quadrados de espelho d'água.

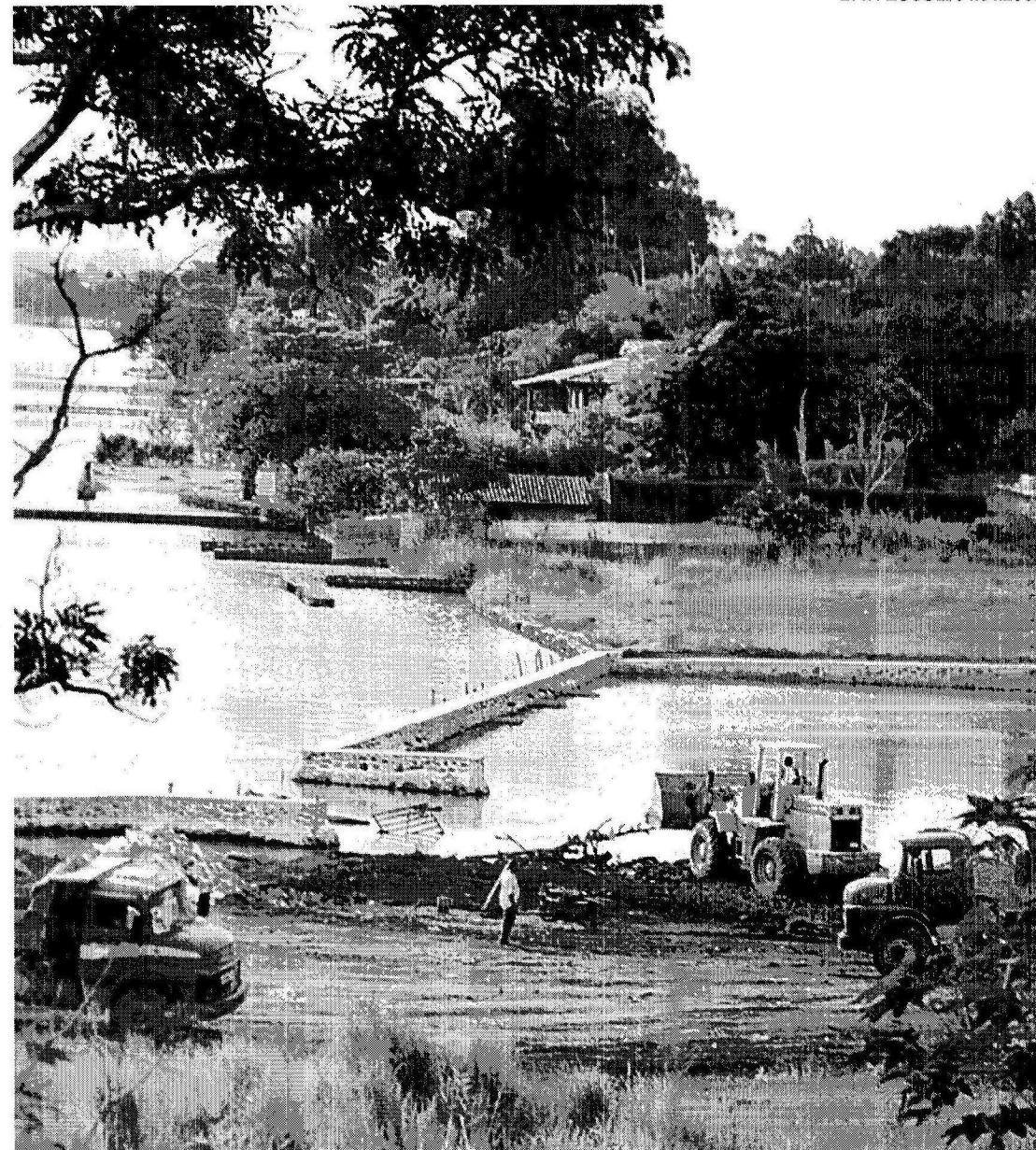
Essa mudança no perfil do Lago tem provocado a ira dos moradores – tanto do Lago Sul como do Norte. Alguns deles admitem que os agressores pertencem ao seletivo grupo de eleitos que mora na região,

que sob o pretexto de buscar mais conforto degradam o espaço protegido por lei.

"Ninguém preserva a área verde dentro das normas, é preciso haver uma fiscalização mais efetiva, além da conscientização dos usuários", afirma Nelson Schneider, 50 anos, empresário, morador do Lago Norte.

Numa volta pelo Lago, é fácil perceber, por exemplo, que os lotes chamados "pontas de picolé", à beira do Paranoá, não costumam obedecer ao código florestal, que determina que pelo menos 30 metros das margens de lagos sejam preservadas. Muitos têm construções que aumentam o terreno e aterram a margem do lago.

Mas as ameaças ao meio ambiente não se limitam ao espelho d'água do Paranoá. Projeto da deputada distrital Eliana Pedrosa (sem partido) permite a construção de muros de alvenaria em lotes residenciais localizados nos Lagos Norte e Sul. A deputada acredita que, com isso, haveria maior organização e controle nas áreas que cercam o Lago. Mas a proposta foi adiada porque, se aprovada como está, pode incentivar a construção de muros sobre a área verde.



Aterramento para construção de marina, um crime comum às margens do Paranoá